

## **CYBERBULLYING SOBRE OS PROFESSORES - UMA REALIDADE ESCONDIDA**

**José Pinto de Matos, Maria João Gomes**

*Universidade do Minho*

*pintodematos2@gmail.com; mjgomes@ie.uminho.pt*

### **Resumo**

As extraordinárias virtualidades disponibilizadas pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação trazem consigo potenciais riscos, se usadas de forma abusiva ou indevida. O estudo a que nos reportamos neste texto insere-se nesse potencial de riscos e conflitos focalizando-se na análise do fenómeno do *cyberbullying* sobre os professores. O tema apresentou-se como relevante e inovador, no contexto português, pela gravidade das repercussões no quotidiano emocional e social dos professores e na organização escolar onde estão inseridos. Com o presente estudo, de carácter exploratório e descritivo, pretendemos contribuir para desocultar o fenómeno, fazer uma aproximação à sua dimensão e características, perceber qual é o seu impacto sobre as vítimas e perceber o interesse que suscita.

Os dados foram recolhidos através dum inquérito por questionário, *online*, ao qual responderam 3 426 professores. Para além da clarificação de múltiplos aspetos do fenómeno, registe-se, como principal conclusão, o facto de cerca de um terço dos professores ter declarado já ter sido alvo de *cyberbullying*.

Palavras-chave: violência, *bullying*, *cyberbullying*.

### **Abstract**

The extraordinary virtues of Information and Communication Technology bring potential risks, if used improperly. Our research analyses part of these risks and social conflicts which teachers are exposed to. The topic - "Cyberbullying against teachers - a hidden reality" – is both relevant and innovative in the Portuguese background because of its impact in the teachers' everyday emotional and social development and in the school organization where they are inserted.

With this exploratory descriptive and quantitative study, we intend to contribute to uncover the problem of cyberbullying and analyse its dimension and characteristics, realize its impact on the victims and understand the interest raised by this phenomenon.

The data of this study was collected through a questionnaire survey online responded by 3426 teachers. A third of teachers said they had already been targeted by cyberbullying.

Key words: violence, *bullying*, *cyberbullying*.

### **1. Introdução e contextualização geral**

As tecnologias da informação e da comunicação (TIC), e fundamentalmente a internet, são uma das principais forças motrizes que têm impulsionado a mudança do mundo, nas últimas décadas. São diversos os aspetos basilares da vivência contemporânea permeados e alterados por esta avalanche tecnológica que revolucionou e se tornou

uma parte indissociável da nossa vida. Já não é possível ignorar a influência e a constância das TIC sobre os indivíduos - o uso da internet e dos telemóveis, tornou-se um “imperativo” civilizacional. As transformações daí decorrentes são imensas e influenciaram intensamente os comportamentos individuais e coletivos e as relações interpessoais.

Apesar dos enormes benefícios da utilização hodierna das tecnologias, existem inquietações legítimas quanto ao uso indevido, riscos, abusos e ilegalidades que a tecnologia potencia. Uma das grandes preocupações que pontuam a atualidade no que respeita ao uso indevido das TIC, prende-se com o fenómeno do *cyberbullying*.

Embora o *cyberbullying* comece a entrar no domínio do debate público - nem sempre correspondendo a uma perceção real do fenómeno, antes muito circunscrito a episódios extremos que captam a atenção da comunicação social, quase sempre o olhar sobre o mesmo tem estado restrito à ação de alunos sobre alunos, quando muito entre jovens adultos. A eventual existência de situações de *cyberbullying*, cometidas contra os professores, não tem sido alvo da mesma atenção, e em termos de análise do fenómeno não se identificou um único estudo em Portugal.

Em função da “webgrafia” consultada, da navegação pelas redes sociais ou por blogs, e algumas situações esporadicamente surgidas nos meios de comunicação social e, mais veladamente, em circulação “contida”, nos espaços de convívio das escolas, foi emergindo em nós a convicção da existência de situações de *cyberbullying* sobre os professores, também em Portugal, tal como em outros países.

A revisão de literatura que efetuámos permitiu constatar que, nos países onde se estudaram os motivos e as circunstâncias do *cyberbullying* sobre os professores, se verificou que este é um problema expressivo.

A frequência e os modos de utilização das TIC, nomeadamente no que concerne ao uso indevido, riscos, abusos e ilegalidades, podem ser/estar alicerçados, numa relação direta, com a crescente implementação e generalização das TIC pelos lares portugueses, facto este profusamente evidenciado em diversos estudos (INE 2009 e 2010; Livingstone, 2011; Almeida et al., 2011 e 2011b). E se “o mundo virtual nos últimos anos, virou o lugar mais fácil para tornar públicos imagens e comentários

depreciativos, usando para isso blogs, fotologs e redes sociais para expressar ódio, violência a professores” (Rocha, 2010), não seria compreensível que a tendência terminasse ao entrar na fronteira de Portugal, exatamente quando se trata do uso de uma tecnologia que aboliu as fronteiras e tem na globalização a sua característica mais marcante. Esta constatação levou-nos a considerar que a falta de estudos relativamente ao fenómeno do *cyberbullying* sobre os professores poderia estar a ocultar um fenómeno com uma amplitude significativa e relevante pelo impacto que produz. Pareceu-nos lógico, desde logo, supor que, em maior ou menor dimensão, o fenómeno existiria em Portugal e que se tornava urgente contribuir para a eventual identificação e caracterização do fenómeno e para a sua “desocultação”.

## 2. Objetivos do estudo

A violência contra os professores assume esporadicamente alguma visibilidade pública, nos casos mais graves de agressão, sendo contudo uma temática a nosso ver insuficientemente estudada, e frequentemente assumida como “simples” atos de indisciplina escolar. Assumindo a “omnipresença” que as TIC hoje têm no nosso quotidiano, o nosso estudo procurou respostas para as questões fundamentais da sua utilização contra os professores.

Assumimos como objetivo principal, a **caracterização do fenómeno do *cyberbullying* sobre professores, em Portugal**. Subjacente a este objetivo principal, estão quatro objetivos específicos que orientaram a operacionalização da recolha de dados:

- i. Caracterizar o conhecimento indireto que os professores possuem, por contacto com experiências vivenciadas por colegas;
- ii. Caracterizar o conhecimento direto que os professores possuem, por vivência pessoal;
- iii. Caracterizar as perspetivas dos professores sobre o impacto do *cyberbullying* sobre professores ao nível pessoal e profissional;
- iv. Caracterizar as perspetivas dos professores relativamente ao interesse que o *cyberbullying* sobre professores suscita.

### 3. Desenho do estudo

Como metodologia de estudo, para atingirmos os objetivos a que nos propusemos, optámos por um estudo exploratório, de carácter descritivo, realizando um *survey*, com base num inquérito por questionário *online*. O questionário integrava essencialmente questões de tipo fechado, que nos permitiram quantificar, detalhar e relacionar mensurações e descrever a extensão do fenómeno, e algumas questões de tipo aberto, de preenchimento facultativo, que permitiam aos professores clarificar ou completar alguns aspetos das suas respostas e que nos permitiram “captar” a dimensão emocional do fenómeno do *cyberbullying* sobre os professores vitimizados.

A opção pelo estudo exploratório descritivo, adveio do facto de se estudar um fenómeno atual – o *cyberbullying* – sem estudos que o sinalizem ou descrevam relativamente ao enfoque definido – *cyberbullying* sobre os professores – no contexto sócio-escolar português.

A população do estudo era constituída pelos educadores do ensino pré-escolar e pelos professores do ensino básico e do ensino secundário, das escolas públicas do país. Registe-se que ao longo deste texto, ao utilizar os vocábulos “professor” e “docente”, consideramos neles incluídos os educadores de infância.

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, desenvolvemos um inquérito por questionário, em versão eletrónica - *survey online* – cujo *link* para preenchimento foi enviado, através de e-mail, aos Diretores de Agrupamentos e Escolas do ensino público do continente, solicitando a sua disseminação pelos professores das respetivas Escolas ou Agrupamentos. A amostra obtida decorreu da disponibilidade dos referidos Diretores em disseminarem o pedido de colaboração entre os professores e da disponibilidade dos mesmos em colaborarem no estudo. Trabalhámos assim com uma amostra não probabilística e por conveniência, que englobou um conjunto de 3426 educadores de infância e professores dos diferentes níveis de escolaridade do ensino não superior.

Por razões atinentes com a dimensão da população a inquirir, a sua dispersão geográfica, os custos envolvidos e os limites temporais para a realização do estudo, entendeu-se mais adequado disponibilizar o questionário na internet para ser

respondido *online*. Esta opção teve ainda subjacente as características do tema em investigação, que potencialmente poderia provocar uma certa retração e atitude defensiva nos sujeitos, sobretudo quando vítimas. Com o recurso ao preenchimento *online* do questionário, procurou-se não só garantir-se o anonimato dos respondentes, mas fundamentalmente que os sujeitos o sentissem, para que a resposta fosse assertiva e muito menos de “conveniência”, ou socialmente mais aceitável.

Os dados quantitativos recolhidos foram organizados e tratados estatisticamente para suporte à análise, interpretação e discussão dos resultados.

O questionário incluía também algumas questões de resposta aberta que permitiam complementar as respostas “fechadas” e incluir informações adicionais que os sujeitos considerassem importantes, nomeadamente testemunhos pessoais de vivência de situações de *cyberbullying*. Para a sistematização e interpretação destas respostas, aplicou-se uma análise do conteúdo, distribuindo-as por categorias emergentes. Os dados assim analisados foram utilizados para complementar e/ou consolidar os dados quantitativos e permitiram ainda registar perceções e sentimentos dos participantes que aparentemente extravasavam o âmbito exploratório do estudo, mas que o enriqueceram na dimensão “humana”.

#### **4. *Cyberbullying*: um fenómeno recente de contornos (ainda) indefinidos**

O *cyberbullying* é um fenómeno relativamente recente, potencializado pelo desenvolvimento e expansão das TIC e os seus contornos conceituais não estão ainda claramente definidos. As conceptualização e definições propostas são quase sempre feitas de forma algo imprecisa, como que por decalque da definição de *bullying*, na assunção implícita ou explícita de que se trata duma nova forma do mesmo fenómeno, uma extensão pura e simples do *bullying* (Shariff, 2005:458-459) a que é acrescentado o uso das TIC.

N. Willard é um dos primeiros investigadores que procuraram analisar e definir *cyberbullying*. Willard (2004, 2006) definiu o *cyberbullying* como o ato de enviar ou publicar mensagens prejudiciais ou nocivas que utilizam a internet ou outras formas de comunicação digital. Numa definição posterior, apresentada como oferecendo a mais

recente visão da autora, (Willard, 2011) considera a ampla disseminação do material agressivo como complemento ou alternativa ao carácter repetitivo das agressões (essencial no *bullying* tradicional): “*Digital aggression (cyberbullying) involves use of digital technologies to intentionally engage in hurtful acts directed towards another, including sending or posting hurtful material in a manner that is repeated or widely distributed*” (Willard, 2011, p.1).

Smith et al. (2006), definem *cyberbullying* por expansão das definições de *bullying*:

an aggressive, intentional act carried out by a group or individual, using electronic forms of contact, repeatedly and over time against a victim who cannot easily defend him or herself. Cyberbullying is a form of bullying which has in recent years become more apparent, as the use of electronic devices such as computers and mobile phones by young people has increased. (Smith et al., 2006, p.6)

Entre as definições propostas, no contexto português, registamos a apresentada por Matos, et al. (2009) que, entendendo o *cyberbullying* como uma nova forma, uma extensão do *bullying*, o definem como:

um acto agressivo intencional levado a cabo por um indivíduo ou grupo, de forma repetida, mediante a utilização de dispositivos electrónicos tais como o e-mail, o telemóvel ou páginas web, contra uma vítima que tem dificuldade em defender-se (Willard, 2005, 2007; Kowalski, et al., 2008). Nesta perspectiva, o problema do *cyberbullying* surge com características semelhantes ao *bullying* tradicional – assente numa assimetria de poder entre agressores e vítimas e responsável por causar danos psicológicos de longo termo nas vítimas, que podem ir da baixa auto-estima ou depressão, até ao insucesso escolar e ao suicídio – com a diferença de ser perpetrado mediante o uso de meios electrónicos (Matos, et al., 2009, p.17).

Estamos contudo perante um fenómeno com especificidades próprias, assumindo que, no mundo virtual decorrente das TIC, como considera Mesdom (2006), a tendência para irritar e exasperar os outros é amplificada pela natureza específica dos meios tecnológicos, com um maior nível de anonimato por parte do agressor, anonimato que reduz inibições, reforça o poder do *cyberbully* e amplia o sentimento de fraqueza por parte da vítima que se sente perseguida em todo o tempo e por todo o lado, acrescendo o facto da difusão da agressão poder ser efetuada a nível mundial sem que o agressor tenha que enfrentar diretamente o impacto do seu comportamento.

Não tendo este texto por objetivo aprofundar a discussão do conceito de *cyberbullying*, fica o registo claro do reconhecimento da necessidade de clarificar e compreender o fenómeno nas suas características e implicações específicas.

## 5. Caracterização dos sujeitos participantes

**Participaram no trabalho de investigação 3 426 professores**, numa distribuição tendencialmente aproximada à representatividade nacional da classe docente no que concerne às seguintes categorias: sexo, nível de educação e ensino e região.

**Os dados recolhidos indicam que os professores são utilizadores diários das TIC.** Verifica-se que o envio/consulta de correio eletrónico (e-mail) é já a forma de comunicação eletrónica mais frequentemente usada pelos professores: 92% referem utilizá-lo “muitas vezes” ou “todos os dias” (27,5% e 64,5%, respetivamente).

O telemóvel é utilizado por 76%, “muitas vezes” ou “todos os dias” (30% e 45,9%, respetivamente), para comunicação por voz e por 55% para envio de mensagens de texto (34,4% e 20,6%, respetivamente). A comunicação de voz por telefone foi relegada para um terceiro lugar, sendo usada por 40,7%, “muitas vezes” ou “todos os dias” (24% + 16,7%).

O envio de mensagens instantâneas via internet é a forma praticada por 30,3%, “muitas vezes” ou “todos os dias” (21,9% e 8,4%, respetivamente).

A pesquisa/navegação na internet é referida por 89% como sendo operadas “muitas vezes” ou “todos os dias” (47,8% e 41%, respetivamente). São diversas as atividades desenvolvidas na Web, referidas como sendo efetuadas “muitas vezes” ou “todos os dias”: consulta de vídeos (46,8%), participação em redes sociais (25,3%), consulta de imagens (25,3%); leitura de blogues (24,7%).

Há serviços TIC que ainda não seduzem significativamente os professores: 72,1% “nunca” ou “raramente” produziram imagens ou clips de vídeo, via câmaras de telemóveis e 78,3% “nunca” ou “raramente” publicaram em blogs.

Constata-se uma **grande familiaridade dos professores respondentes com o termo *cyberbullying*** (77,1%), sendo que 30,2% referem ter conhecimento de situações de

*cyberbullying* sobre alunos. Contudo, 43,7% dos professores consideram que não se sentem capazes de identificar a sua ocorrência e 90% sente “necessidade de saber mais sobre *cyberbullying*”. Apesar da familiaridade dos professores com o termo *cyberbullying* e do conhecimento de situações de *cyberbullying* sobre alunos, a grande maioria dos professores considera que não tem “experiência com situações de *cyberbullying*” (81,8%) e sente-se impreparada para gerir situações deste tipo (67,3%).

Uma larga maioria **(71,9%) está preocupada com o *cyberbullying* e 49,4% entende que se trata de um problema nas escolas**. Apesar disso, apenas 28,2% se sente vulnerável ao *cyberbullying*.

## **6. A desocultação do *cyberbullying* sobre os professores**

O estudo permitiu comprovar que **o *cyberbullying* sobre os docentes é uma realidade de significativa dimensão** e que dificilmente poderá continuar a ser ignorada ou ocultada. **Um terço dos professores declarou já ter sido alvo de *cyberbullying* (34%)**, facto corroborado, em termos de conhecimento dos casos, por 14% dos colegas.

**Os dados recolhidos apontam no sentido de que o *cyberbullying* sobre os professores é essencialmente praticado por alunos (61%)**, mas existe uma elevada percentagem de ocorrências perpetradas por pais ou encarregados de educação (13,9%) e outros docentes (10%), e ainda, de expressão mais residual, as cometidas pelo pessoal não docente (2,9%). O anonimato só foi possível manter-se em 11,5% das situações.

**O envio continuado de mensagens grosseiras e insultuosas, através de telemóveis ou da Internet e as mensagens intimidatórias ou agressivas**, que no total representam 36,6% das situações de *cyberbullying* (20,1% e 16,5%, respetivamente), **são as que têm ocorrências mais frequentes**. O uso do e-mail, do site ou do computador do(a) professor(a), sem a sua permissão, representam no total uma considerável percentagem de ocorrências (18%). Os resultados da frequência de situações de *cyberbullying*, revelam o peso importante que o anonimato tem na prática do mesmo: a utilização do perfil falso para enviar ou colocar mensagens causadoras de problemas ou constrangimentos diversos é apontada por 12,4% das vítimas, e a obtenção de informações secretas ou embaraçosas obtidas de forma insidiosa, junto das próprias

vítimas, é referida por 5,6%. Com frequência significativa, registam-se ainda o envio ou divulgação de crueldades e falsidades através de telemóvel ou da Internet (10,6%), a descrição da vítima através de histórias, piadas ou fotos (de “gozo”) que a ridicularizam (9,2%), e a divulgação de fotos e/ou filmes obtidas(os) sem autorização (7,7%).

Relativamente à frequência das ações de *cyberbullying* assinaladas, os dados indicam que 55,8% das situações ocorreram uma única vez e 44,2% múltiplas vezes.

**As agressões ou insultos mais conhecidos**, referidos por 195 docentes conhecedores de ocorrências de *cyberbullying*, **questionam sobretudo a competência profissional** (30,9% das respostas obtidas) **ou baseiam-se na imagem corporal do professor** (19,3%). As agressões ou insultos de natureza sexista e os relacionados com a idade são também situações apontadas por um número não desprecioso, respetivamente 12,7% e 9,8%. Menos apontados, são as agressões ou insultos relacionados com relações familiares (6,2%), de cariz homofóbico (5,9%), em razão de alguma deficiência (5,1%), e por razões de natureza étnica (4,3%). Os menos referenciados são os insultos de natureza racial (3,2%) e os relacionados com aspetos religiosos (2,7%).

Os sujeitos que conhecem casos de *cyberbullying* sobre professores referem que **a internet é o meio utilizado por 63,1% dos agressores** e o telemóvel por 36,9%. As mensagens de texto são a forma utilizada por 51,2% e a imagem ou o vídeo por 42,5%. Só 6,3% utiliza o áudio.

## **7. Divulgação do *cyberbullying* sobre os professores**

O conhecimento dos professores sobre casos de vitimação de outros professores foi veiculado por colegas da vítima (36%), por referência direta das próprias vítimas (26,8%), ou através da audição de comentários na sala dos professores (16,5%). É significativa ainda a divulgação feita pelos alunos (16,7%), sendo mais residual a feita pelo Pessoal não Docente (3,9%).

As situações de “gozo” da vítima (histórias, piadas ou fotos para a descrever), através do telemóvel ou da internet (21,5%) e a divulgação de filmes ou fotografias obtidos

sem autorização (17,8%) são as mais conhecidas pelos outros docentes, mas estão muito distantes da sua frequência, de acordo com as respostas das vítimas (respetivamente 9,2% e 7,7%).

A propagação de crueldades e falsidades também são referidas como sendo conhecidas por 15,5%, mas têm uma representação menor no conjunto das situações de *cyberbullying*, segundo as vítimas (10,6%). Todas as outras situações de *cyberbullying* têm uma incidência maior de acordo com as declarações das vítimas, do que aquela revelada pelo conhecimento de casos por parte dos outros professores. O envio ou colocação de mensagens grosseiras e insultuosas são referidas como sendo conhecidas por 16,5%, mas têm uma frequência superior, segundo as vítimas (20,1%). Seguem-se, por ordem da referência ao seu conhecimento por parte dos professores, o envio ou colocação de mensagens com o objetivo de intimidar ou agredir o(a) professor(a) (12,4%) e a utilização do perfil doutra pessoa para enviar / colocar mensagens para causar problemas ao(à) professor(a), ou fazê-lo/a sentir-se mal (9,5%).

As situações de *cyberbullying* menos referidas como sendo do conhecimento dos professores (6,8%) são, em contraste, apontadas pelas vítimas como sendo das ocorrências mais frequentes: o uso do e-mail, do site ou do computador do(a) professor(a), sem a sua permissão (18%). Note-se que os valores numéricos associados ao “conhecimento de casos” por parte dos professores deve ser considerado tendo em consideração que podem existir “casos” conhecidos e referidos por mais do que um professor. Entendemos contudo que este é um elemento a considerar na análise do fenómeno, em paralelo com os relatos dos professores vítimas (ou agressores) envolvidos nestas situações.

## **8. Caracterização das vítimas**

A distribuição das vítimas por sexo é coincidente com a distribuição percentual do total de professores a nível nacional (M. 23%; F. 77%).

**De acordo com o estudo realizado existe *cyberbullying* sobre os professores em todos os níveis de educação e ensino**, salvaguardando-se o facto do estudo não ter

incluído professores do ensino superior ou do ensino privado. A maior parte das vítimas são do 3º ciclo do ensino básico e ensino secundário, (55,7%) numa percentagem 5,7% inferior à percentagem de docentes desses níveis, na distribuição nacional, e 4,8% superior à dos respondentes. O 2º ciclo do ensino básico, com 21,1% de vítimas, e o 1º ciclo do ensino básico, com 18,1%, revelam uma percentagem de vítimas superior à percentagem de docentes nos respetivos níveis (+4,5% e +1,5%, respetivamente), acompanhando o maior número de respondentes nesses níveis (+7,3% e +1,6%, respetivamente). Na educação pré-escolar, a percentagem de vítimas é similar à percentagem de docentes desse nível de educação e inferior à percentagem de respondentes (que representa 1,6% mais que a percentagem na distribuição nacional).

Os dados recolhidos apontam claramente no sentido de que **a incidência do cyberbullying é consideravelmente mais elevada nos professores mais novos**, comparando a percentagem das vítimas com os outros respondentes, nas respetivas faixas etárias. Assim, verifica-se que, até aos 40 anos, há proporcionalmente 8% mais de vítimas (+2,1% até aos 30 anos e +5,9% na faixa etária dos 31 aos 40 anos) e, com o evoluir da idade vai progressivamente diminuindo, sendo uma diferença para menos de 3% na faixa etária dos 41 aos 50 anos e de menos 5% a partir dos 51 anos. Pode colocar-se a hipótese de estes valores poderem decorrer do facto dos professores mais novos serem maiores utilizadores das tecnologias e por isso estarem mais expostos ao fenómeno. Contudo, como apresentaremos mais adiante, os dados recolhidos não permitem retirar esta conclusão.

Naturalmente concatenada com a idade, **a incidência do cyberbullying é mais elevada nos professores com menos experiência de serviço docente**. Assim, verifica-se que, nos professores com menos de 5 anos de serviço, há uma diferença de mais 3,7% de vítimas no cotejo com a percentagem dos outros professores respondentes; nos professores com 6 a 10 anos, há uma diferença de mais 2,9% de vítimas e nos professores com 11 a 20 anos, há uma diferença de mais 1,2% de vítimas. A percentagem de vítimas vai progressivamente reduzindo à medida que aumentam os anos de serviço, sendo que a partir dos 20 anos de serviço começa a ser menor que a dos professores respondentes.

**Na distribuição por região, 41,7 % das vítimas são da região Norte**, seguidos pela região de Lisboa, com 21,3%, pela do Centro, com 16,5%, pela do Algarve, com 15% e pela do Alentejo, com 5,5%. As regiões do Norte e do Algarve registam uma percentagem de vítimas superior à distribuição percentual dos docentes por região (+3,6% e + 10% respetivamente). Na inversa, é na zona Centro que é menor a percentagem de vítimas, relativamente à proporção do universo de professores da região (-7,3%), seguida da zona de Lisboa (-3,7%) e do Alentejo (-2,6%).

O tipo e frequência de utilização de serviços TIC não se apresentam como variáveis distintas, potenciadoras da “escolha” dum professor para vítima. As diferenças registadas, no sentido de uma maior frequência de utilização pelas vítimas (“Muitas vezes / Todos os dias”), são o envio de mensagens de texto por telemóvel (2,9%), a leitura de blogs (2,1%), o envio de mensagens instantâneas via internet (1,7%) e a participação em redes sociais (4%). Na inversa, e na mesma ordem grandeza, a menor utilização pelas vítimas (“Nunca”), são a publicação de blogs (-3%) a participação em redes sociais (-3%) e o envio de mensagens instantâneas via internet (-2%). Os dados não apontam, portanto, no sentido de diferenças significativas entre o comportamento dos professores vítimas e não vítimas de *cyberbullying*, relativamente à frequência de uso das TIC.

A experiência e o conhecimento revelados pelas vítimas relativamente ao *cyberbullying* são muito semelhantes aos dos outros professores. Há apenas uma ligeira variação, na ordem de 1,5% para mais, revelado pelas vítimas, na experiência com situações de *cyberbullying*, na consideração do *cyberbullying* como um problema nas escolas, e no sentimento de vulnerabilidade ao *cyberbullying*. As vítimas referiram uma grande familiaridade com o termo *cyberbullying* (76,4%) e manifestaram uma elevada necessidade de saber mais sobre o assunto (89,9%), porque estão preocupadas com o *cyberbullying* (70,7%) que 50,0% reconhecem ser um problema nas escolas. Entre as vítimas, 66,3% declaram que não se encontram preparadas para gerir situações de *cyberbullying*. As vítimas revelam dificuldade em identificar situações de *cyberbullying*: só 44,9% se sentem capazes de o fazer e só 29,7% têm conhecimento de situações de *cyberbullying* sobre alunos. Talvez isso justifique,

estranhamente, que só 32,4% experimentem um sentimento de vulnerabilidade ao *cyberbullying*.

### 9. Impacto do *cyberbullying*

As consequências para os professores vítimas do *cyberbullying* podem ser devastadoras, porque a sua dignidade e integridade pessoal e profissional podem ser profundamente lesadas. Geralmente sentem-se incapazes para falarem das situações por que passam ou passaram e preferem mesmo não abordar o assunto. **A esmagadora maioria dos professores vítimas de *cyberbullying* (91,6%) foram perentórios na recusa em relatar os casos vividos**, mesmo a coberto do anonimato do questionário. A somar a esta avassaladora percentagem, há 3% que assinalam a opção de resposta “Não consigo”, em muitos casos explicitando por escrito que gostariam de o fazer mas que não conseguem, o que só por si já é significativo, pelo sofrimento que subjaz à resposta bem patente em alguns dos testemunhos.

São várias as razões (não exclusivas entre si) que apontam para a recusa ou “impossibilidade” de revelarem as ocorrências: a vergonha (71,0%), o receio de serem “mal vistos” pelos seus pares (68,0%), o sentirem-se profissionalmente em causa (65,0%), o receio de serem “mal vistos” pela Direção da Escola (58,0%) e o receio dos agressores (43,7%).

Da análise de conteúdo das respostas abertas do questionário, conclui-se que impacto nas vítimas é intenso, com sequelas nas condições de saúde, física e/ou mental, a curto e a longo prazo. O *stress*, a falta de confiança, a baixa auto-estima e o estado de solidão em que por vezes se afundam provocam um acentuado desajustamento social, como a aversão para com o ambiente social em geral e a escola em particular (expresso no aumento do absentismo). Conclui-se ainda que houve situações que degeneraram em desespero ou depressão, ou outros distúrbios psicológicos, e perspectivas de ações de gravidade extrema, como o abandono da profissão ou mesmo o suicídio.

Na perspetiva dos professores que afirmaram terem conhecimento de ocorrências de *cyberbullying* contra colegas, os professores vítimas de *cyberbullying* atribuem uma

grande importância às ocorrências (77%), ficando geralmente “arrasados” segundo a resposta de 76,7%. Só 20,4% conseguem responder na mesma linha do agressor. Ainda na perspectiva destes professores, há vítimas de *cyberbullying* que entram em depressão (73,6%) e colocam a possibilidade de assumirem posições de gravidade extrema: abandonar a profissão (57,4%) e a hipótese de suicídio (24,7%).

### **10. Perceção do *cyberbullying***

O *cyberbullying* perpetrado contra os professores é um fenómeno que ainda não atraiu a atenção de investigadores em Portugal, na perceção de 73,3% dos professores respondentes. A inexistência de estudos institucionais, académicos ou sociológicos, não significa a inexistência do problema, nem atenta a relevância e amplitude do fenómeno, como se comprova no presente estudo.

Os professores consideram também que a sociedade em geral não está sensibilizada e não tem dado a devida atenção ao problema do *cyberbullying* exercido sobre os professores (86,0%).

De entre os professores respondentes, 78% consideram que o *cyberbullying* sobre os professores constitui um problema nas nossas escolas, relativamente ao qual o Ministério da Educação e as suas estruturas intermédias não denotam ter percebido a sua relevância e não demonstram nenhuma preocupação sobre o mesmo (75,6%). Esta perceção dos professores de que estamos perante uma desvalorização, subvalorização ou ignorância do fenómeno torna-se ainda mais evidente pelo facto de 85,4% dos professores concordarem com o facto de ser tratar de “uma realidade escondida”, havendo mesmo professores que consideram tratar-se de uma realidade “propositadamente” escondida.

A falta de sensibilidade ou recusa de reconhecimento da gravidade do fenómeno do *Cyberbullying* sobre os professores, entendido como um problema existente apenas entre os alunos, fragiliza a posição da vítima. Isolada, indefesa, exposta a constantes “ataques” (24/24 horas), sem sentir apoio, solidariedade ou qualquer receptividade às suas denúncias, a vítima deixa-se vencer por um estado evolutivo de angustiada insegurança e solidão.

## 11. Sugestões de atuação

No espaço aberto, destinado a sugestões, 287 professores deram o seu contributo. Analisadas no seu conteúdo, foram identificadas 498 afirmações, distribuídas por categorias emergentes no decorrer da análise. Como sugestões de atuação, 17,9% das asserções apontam para uma atuação preventiva, suportada numa premente formação de alunos, professores e encarregados de Educação, referida em 12,9% das afirmações, e na necessidade de uma maior divulgação da informação sobre o *cyberbullying* (13,3%). Outras afirmações apontam para a importância de denunciar as ocorrências, de responsabilizar e penalizar os culpados (7,8%), de alertar o Ministério, as Escolas e a comunidade em geral, para os sensibilizar para o problema (7,4%) e para desocultar o fenómeno, promovendo estudos que permitam uma atuação sustentada (5,2%). O *cyberbullying* é apresentado como um problema preocupante, cruel, no mínimo desconfortável (7,2%). Afirma-se a necessidade de adequar a lei, proibir ou restringir o uso das TIC (3,2%). Há ainda afirmações que apontam no sentido do impacto do *cyberbullying* e revelam o desencanto profissional (2,4%). 5,6% das afirmações sustentam a importância e relevância deste estudo, dando os parabéns pela escolha deste assunto, agradecendo, em alguns casos, a possibilidade de desabafarem (o que nunca tinham conseguido) e esperando a ampla divulgação dos resultados, junto do Ministério da Educação e das Escolas. As restantes asserções, 17,1%, referem-se a desabafos e impressões diversas.

## 12. Conclusões e considerações finais

O *cyberbullying* sobre os professores é uma realidade com uma relevância que tem que ser séria e proativamente encarada. O seu impacto nefasto tem consequências danosas na vida pessoal e profissional dos docentes (afeta a autoestima, a confiança e a dignidade e reputação das vítimas) e, conseqüentemente, no ambiente e qualidade educativa das escolas e sobre os resultados da aprendizagem.

O *cyberbullying* vitimando professores é uma realidade já dificilmente ocultável. Receios diversos por parte das vítimas, incompreensível proteção da imagem da

própria escola, débil consciência do problema ou deliberada desvalorização por parte do Ministério da Educação, têm mantido este problema (que corrói o ambiente escolar e se alarga à vivência quotidiana das vítimas) longe das preocupações sociais e da própria investigação. Contudo, este tipo de violência contra os professores (introsiva, pernicioso, sem fronteiras nem horário) não pode ser negligenciado nem reduzido a análises sumárias, pois trata-se de um fenómeno complexo, multifacetado e de significativa dimensão.

Desocultar o fenómeno, promovendo estudos de investigação do *cyberbullying* sobre os professores é uma reivindicação dos respondentes. Na percepção dos professores, é condição basilar, para fazer face ao problema, a criação de condições para que seja possível a denúncia das ocorrências, dando sinais de que é possível responsabilizar e penalizar os culpados, mesmo que seja necessário adequar a lei.

Sugerem os professores que o *cyberbullying* é uma questão de premente ponderação e análise, mas a reclamar uma atenção eminentemente prática das escolas e uma abordagem preventiva, baseada numa maior divulgação da informação e no alargamento da formação aos alunos, aos professores e aos encarregados de Educação. Do estudo realizado decorre claramente que o *cyberbullying* sobre os professores existe e não pode continuar a ser sistematicamente desvalorizado pela sociedade em geral e pelos responsáveis do sistema educativo em particular.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INE (2009). Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias: Indivíduos dos 10 aos 15 anos 2005 a 2008. *Destaque – Informação à Comunicação Social*, 03 de Fevereiro. Retirado de: [www.ine.pt](http://www.ine.pt).

INE (2010). Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias. *Destaque – Informação à Comunicação Social*, 05 de Novembro. Retirado de: [www.ine.pt](http://www.ine.pt).

Livingstone, S., Haddon, L., Görzig, A. & Ólafsson, K. (2011). *Relatório final do EU Kids Online 2*. Retirado de: <http://www.fcsh.unl.pt/eukidsonline/>.

Matos, A., Pessoa, T., Amado, J. & Jäger, T. (2009) “Cyberbullying: o desenvolvimento de um manual para formadores”. Livro de actas – Conferência Nacional 3 de Julho de 2009 – *Portugal na Pesquisa Europeia sobre Crianças e Internet – Projecto EU Kids Online (2006-2009 – Oportunidades e Riscos – Pesquisas em Portugal*. Retirado de: <http://www2.fcsh.unl.pt/eukidsonline/docs/LivroActas.pdf>.

Mesdom, M. (2006). Cyber-harcèlement, contexte et solutions à envisage. Le harcèlement via Internet. *Atelier*. Disponível em [http://www.saferinternet.be/12\\_sy0506.pdf](http://www.saferinternet.be/12_sy0506.pdf). Acedido a 06.07.2010.

Olweus, D. (1993). *Bullying at School – What we know and what we can do*. Oxford: Blackwell.

Rocha, T. (2010). *Cyberbullying: consequências ao trabalho docente*. Retirado de:

Shariff, S. (2005). “Cyber-dilemmas in the new millennium: School obligations to provide student safety in a virtual school environment.” *McGill Journal of Education*, 40(3), pp. 457-477. Disponível: <http://mje.mcgill.ca/article/view/586/468>.

Slonje, R. & Smith, P. (2008). Cyberbullying: Another main type of bullying?. *Scandinavian Journal of Psychology*, 49: 147–154. doi: 10.1111/j.1467-9450.2007.00611.x

Smith, P., Mahdavi J., Carvalho, M. & Tippett, N. (2006). *An investigation into cyberbullying, its forms, awareness and impact, and the relationship between age and gender in cyberbullying*. Retirado de:

<https://www.education.gov.uk/publications/eOrderingDownload/RBX03-06.pdf>.

Willard, N. (2004). *An Educator's Guide to Cyberbullying and Cyberthreats*. Retirado de: <http://cyberbully.org/docs/cbcteducator.pdf>.

Willard, N. (2011). *Cyberbullying, Sexting, and Predators, Oh My! Addressing Youth Risk in the Digital Age in a Positive and Restorative Manner*. Retirado de: <http://csriu.org/documents/documents/IssueBrief.pdf>.